



DOI: 10.20911/25260782v11n3p178/2026

Nietzsche e Diógenes Laércio: A filosofia como modo de vida nos escritos filológicos

Leonardo Silva¹

RESUMO: A contemporânea discussão da filosofia como modo de vida, desenvolvida a partir das leituras de Pierre Hadot e Michel Foucault acerca do pensamento antigo, enseja uma nova hermenêutica para a História da Filosofia na qual Nietzsche exerce um papel de relevância. O objetivo deste trabalho é responder a partir de quais fontes antigas e/ou modernas Nietzsche entra em contato com a tradição da filosofia como modo de vida. Por meio da análise de *De Laertii Diogenis fontibus*, escrito do período filológico, pretende-se reconstituir as intenções filosóficas que encontram-se na formação do pensamento de Nietzsche no período que antecede a publicação de *O nascimento da tragédia*. A investigação concentra-se sobre dois aspectos da leitura de Nietzsche sobre Diógenes Laércio: a problematização da história da filosofia e a insistência na figura do filósofo como ideal ético. Dessa maneira, contamos apresentar algumas características do que seria a filosofia como modo de vida de Nietzsche já inscritas em sua atividade filológica.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia como modo de vida. Filologia. Nietzsche. Diógenes Laércio.

ABSTRACT: The contemporary discussion of philosophy as a way of life, developed from the readings of Pierre Hadot and Michel Foucault on ancient thought, gives rise to a new hermeneutics for the History of Philosophy in which Nietzsche plays an important role. The objective of this work is to respond to the question of which ancient and/or modern sources Nietzsche draws upon in his engagement with the tradition of philosophy as a way of life. Through the analysis of *De Laertii Diogenis fontibus*, a work from the philological period, we intend to reconstruct the philosophical intentions that are found in the formation of Nietzsche's thought in the period preceding the publication of *The Birth of Tragedy*. The investigation focuses on two aspects of Nietzsche's reading of Diogenes Laertius: the problematization of the history of philosophy and the insistence on the figure of the philosopher as an ethical ideal. In this way, we hope to present some characteristics of what Nietzsche's philosophy as a way of life would be, already inscribed in his philological activity.

KEYWORDS: Philosophy as a way of life. Philology. Nietzsche. Diogenes Laertius.

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7761-8608>. E-mail: lc.silva@hotmail.com. Endereço: Rua David Ben Gurion, 369, Jardim Monte Kemel, São Paulo/SP, CEP 05634-001

INTRODUÇÃO

Os antigos ocupam lugar privilegiado na formação do pensamento de Nietzsche. Se isso não escapou à controversa recepção de primeira hora d'*O nascimento da tragédia*², também não foi ignorado por intérpretes como Pierre Hadot e Michel Foucault. Num dos ensaios que integra o volume *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, Hadot afirma que “a filosofia de Schopenhauer e a de Nietzsche são, elas também, convites a uma transformação radical da maneira de viver. Nietzsche e Schopenhauer são, aliás, pensadores banhados na tradição antiga” (2014, p. 270). Com efeito, o helenista francês situa o pensamento de Nietzsche no interior de sua compreensão da filosofia como modo de vida, como ação viva e não como mera teoria filosófica, distanciando-o da filosofia universitária de Wolff, Kant, Fichte, Schelling e Hegel, e aproximando-o – embora possa causar certo estranhamento – do modo de vida que caracteriza o pensamento de Agostinho, Descartes, Espinosa e Schopenhauer em consonância com a tradição antiga.

No curso *A hermenêutica do sujeito*, Foucault insere Nietzsche numa “série de difíceis tentativas” do pensamento do século XIX de “reconstituir uma ética e uma estética do eu” (2010, p. 224). Ao lado de Nietzsche estariam Stirner, Schopenhauer, o dandismo, Baudelaire e o anarquismo, como esforço de reabilitação da ética-estética do eu que caracterizaria o pensamento antigo na leitura do filósofo francês. A despeito das diferenças entre a compreensão de Hadot e a de Foucault³, o cerne da questão repousa sobre a tradição da filosofia como modo de vida que chega a Nietzsche; em outras palavras: a partir de quais fontes antigas e/ou modernas o filósofo aprende a lição da filosofia antiga? Como o filósofo apropria-se dessas fontes na constituição de seu pensamento?

A resposta a essa questão passa, entre os modernos, pela leitura de Nietzsche das obras de Emerson, Montaigne e Stendhal, os quais apresentam ao filósofo alemão a noção de *gaia ciência*, a qual servirá ao projeto de constituição de modos de vida filosóficos que caracteriza a filosofia do espírito livre⁴. Hadot e Foucault, ao colocarem Nietzsche ao lado de Schopenhauer, sugerem uma continuidade entre a nietzschiana filosofia como modo de vida e o pessimismo schopenhaueriano tendo como pedra de toque a relação com os antigos. Michael Ure, em *A reanimação de Nietzsche da filosofia como modo de vida* (2022), sugere que “o pessimismo de Schopenhauer e os esboços biográficos dos filósofos antigos, de Diógenes [Laércio], tornaram-se as fontes principais para o modelo de filosofia de Nietzsche” (2022, p. 375). No entanto, Ure não desenvolve os argumentos que ratificam a hipótese sugerida, pois conta mostrar como o filósofo em *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *A gaia ciência* buscaria “reorganizar a filosofia, de modo que ela se volte a orientar pela analogia médica que

2 Refere-se aqui ao debate público entre Wilamowitz e Rohde sobre a obra de estreia de Nietzsche. Para uma reunião dos textos que compõem esta recepção, cf. MACHADO, 2005.

3 Sobre as convergências e divergências entre Hadot e Foucault no debate acerca da filosofia como modo de vida, cf. HADOT, 2014, p. 275-282.

4 Acerca da noção de *gaia ciência* em Nietzsche compreendida no diálogo com Emerson, Montaigne e Stendhal, e da filosofia como modo de vida, cf. SILVA, 2020, p. 22-70. Para uma análise de *Humano, demasiado humano* I e II, *Aurora* e *A gaia ciência* a partir dos temas da filosofia como modo de vida, cf. URE, 2008.

estruturava as filosofias helenistas” (2022, p. 372) – tese cara ao seu estudo sobre a trilogia do espírito livre (cf. URE, 2008).

Considerando-se o exposto, defende-se aqui que a transmissão da lição dos antigos a Nietzsche – sem dúvida alguma – dá-se através de Diógenes Laércio, sendo reafirmada e empregada em seu sentido crítico contra a Modernidade filosófica por Arthur Schopenhauer. Através da análise do escrito *De Laertii Diogenis fontibus*, conta-se mostrar como a filosofia como modo de vida encontra-se na formação do pensamento de Nietzsche já nos escritos do período filológico em dois aspectos fundamentais: a problematização da história da filosofia e a insistência na figura do filósofo como ideal ético.

1 DIÓGENES LAÉRCIO E A HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Entre 1868 e 1873, Nietzsche publica uma série de artigos nos cadernos do *Rheinisches Museum für Philologie*. Trabalhos escritos entre Pforta, Bonn, Leipzig e Basileia, os textos do jovem filólogo revelam seu amplo domínio das línguas e das literaturas grega e latina, seu rigor científico no manejo dos textos e sua inclinação pelas questões da filosofia. A matéria destes artigos é variada: Teógnis de Mégara, Simônides, Lírica arcaica, Homero, Hesíodo. No entanto, um conjunto de ensaios redigido entre 1866 e 1870, destaca-se pela singular combinação entre filologia e filosofia, no que tange, respectivamente, ao método histórico-crítico e ao problema da história da filosofia. Trata-se das *Laertiana: De Laertii Diogenis fontibus* (*Sobre as fontes de Diógenes Laércio*, doravante DLF), escrito entre o final de 1866 e agosto de 1867, vencedor do prêmio anual da Universidade de Leipzig, em 1867, e publicado em duas partes entre em 1868 e 1869; *Analecta Laertiana* (*Analectos de Laércio*), escrito em 1869 e publicado em 1870; por fim, *Beiträge zur Quellenkunde und Kritik des Laertius Diogenes* (*Contribuições ao estudo e à crítica das fontes de Diógenes Laércio*), resultado dos estudos anteriores e publicado em 1870.⁵ A notoriedade de tais trabalhos, especialmente do primeiro,

5 Nietzsche refere-se aos seus trabalhos sobre Diógenes Laércio como as “*Laertiana*”, cf. carta a Erwin Rohde, de 8 de outubro de 1868. Nas cartas a Hermann Mushacke, de novembro de 1866, e a Carl von Gersdorff, de 16 de janeiro de 1867, o jovem filólogo documenta a sugestão de Ritschl para que escreva uma dissertação sobre as fontes de Diógenes Laércio. Os números XXIII (outono de 1868) e XXIV (março de 1869) do *Rheinisches Museum für Philologie* publicaram *De Laertii Diogenis fontibus*, enquanto o número XXV (março de 1870) trouxe a lume o *Analecta Laertiana*. Diferente dos estudos anteriores, os *Beiträge zur Quellenkunde und Kritik des Laertius Diogenes* não foram publicados no *Rheinisches Museum für Philologie*, mas receberam uma publicação interna na Universidade da Basileia (maio de 1870). Com efeito, Barnes observa que o segundo e o terceiro estudos das *Laertiana* tratam-se de apêndices ao primeiro (1986, p. 16), o que percute a intenção de Nietzsche de revisar e publicar estes textos na forma de livro (cf. as cartas a Ritschl de 10 de outubro de 1869 e 28 de março de 1870).

vale a Nietzsche a indicação e nomeação para a cátedra de filologia clássica da Universidade da Basileia, em 1869, com apenas 24 anos⁶.

A obra *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres* (doravante, *Vidas*), de Diógenes Laércio, é conhecida como a primeira história da filosofia grega e, ao lado do livro V (Delta) da *Metafísica* de Aristóteles – que constitui-se como uma espécie de léxico –, é lida como um inventário de doutrinas e conceitos filosóficos, reforçando modernas concepções de filosofia. Entretanto, o material de Laércio parece não corresponder a essa leitura: em sua coleção estão figuras canônicas, como Platão e Aristóteles, e outras que não figuram no panteão dos filósofos, como aqueles da tradição dos Sete Sábios, dentre os quais destaca-se Sólon⁷; sua compilação organizada em dez livros não segue um critério cronológico, nem reúne tudo o que se diz acerca de um filósofo num mesmo livro, ou mesmo agrupa a matéria a partir dos argumentos; o comum e o caricato da vida imiscuem-se às doutrinas filosóficas, entre anedotas, máximas e epigramas poéticos. Dessa maneira, Laércio conta dar a conhecer a pessoa, a personalidade (*andra*) do filósofo em todas as suas dimensões (*pantachothern*) para avaliar (*krínein*) a sua vida, isto é, a sua filosofia (cf. *Vidas* X, 29).

Ao investigar as *Vidas* de Laércio, escritas na primeira metade do século III narrando ditos e feitos que desenrolam-se a partir do século VIII AEC, Nietzsche insere seu trabalho filológico no interior de questões da filosofia: “Quanto mais os estudiosos de nossa época se empenham em investigar a história da filosofia, tanto mais surpreende que ninguém até agora tenha se ocupado com atenção especial das fontes de Laércio” (DLF III). Na passagem citada, Nietzsche refere-se indiretamente aos trabalhos de Ritter, Brandis e Zeller⁸, citados amplamente nas notas do texto sobre Laércio, bem como nos diversos cursos ministrados na Basileia, especialmente *Os filósofos pré-platônicos* (1872) e *Introdução ao estudo dos diálogos de Platão* (1871-1876). Sob a égide da *Enciclopédia das ciências filosóficas*, de Hegel, durante

6 Como explica Barnes, “o trabalho sobre Diógenes representa o esforço acadêmico mais bem acabado de Nietzsche. Desse modo, sua reputação acadêmica é amplamente determinada por suas reflexões sobre Laércio” (1986, p. 17). No entanto, o mesmo Barnes avalia como surpreendente a recepção positiva destes estudos entre os classicistas de então (1986, p. 38), e observa com desdém: “Nietzsche nunca foi um acadêmico velho e sábio. Seus estudos filológicos foram todos escritos em sua juventude. O *De fontibus* foi composto por um autor de vinte e três anos que o escreveu no espaço de poucos meses. Não é notável que o trabalho mostre sinais de pressa, que contenha numerosos erros menores, que ofereça conjecturas exuberantemente imprudentes, que o argumento, às vezes, substitua a lógica pela retórica. Ao contrário, os estudos laercianos são notáveis por suas virtudes, não por seus vícios” (1986, p. 39).

7 Sobre a tradição dos Sete Sábios em Diógenes Laércio, cf. LEÃO, 2013. Sobre o lugar de sábios e poetas na formação da identidade helênica a partir do texto laerciano, cf. VÁRZEAS, 2013.

8 Os três historiadores da filosofia são contemporâneos de Nietzsche. A segunda edição do livro *Geschichte der Philosophie alter Zeit* (1839), de Heinrich Ritter (1791-1869), e também a quarta edição de *Historia philosophiae graecae et romanae ex fontium locis contexta* (1869), escrita pelo mesmo autor com Ludwig Preller, encontram-se na biblioteca pessoal de Nietzsche (NPB 499 e 500, respectivamente). Quanto ao filósofo e filólogo Christian August Brandis (1790-1867), publicou, em três volumes, *Handbuch der Geschichte der griechisch-römischen Philosophie* (1860) e, em dois volumes, *Geschichte der Entwicklungen der griechischen Philosophie und ihrer Nachwirkungen im römischen Reiche* (1864). Por sua vez, Eduard Zeller (1814-1908), filósofo e teólogo protestante, publicou, em cinco volumes, *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung dargestellt* (1852), dentre os quais conserva-se apenas o volume I na biblioteca pessoal de Nietzsche (NPB 661), a terceira edição, *Allgemeine Einleitung. Vorsokratische Philosophie* (1869).

o século XIX, desenvolve-se na Alemanha e fora dela uma historiografia filosófica entendida como exposição do processo do absoluto: pela apreensão do conceito penetra-se o âmago da consciência do espírito que exprime-se na ideia e efetiva-se como sistema, confundindo-se com a própria filosofia. Ritter, Brandis e Zeller são autores de referência na investigação dessa incipiente história da filosofia na Alemanha do XIX, diante da qual o jovem Nietzsche manifesta a percepção de uma falta fundamental: a *Quellenforschung* de Diógenes Laércio.

O olhar aguçado do jovem filólogo procura os papéis reescritos, alterados e encobertos no texto de Laércio; a partir do exame do léxico, da comparação com outros autores, da avaliação dos manuscritos preservados, reconstitui o fluxo e o intercâmbio dos saberes no mundo antigo: “quão útil uma investigação como esta pode ser para os estudos da Antiguidade como um todo, desde que feita de modo adequado” (DLF III). A questão filológica acerca das fontes de Laércio traz consigo a problemática filosófica decisiva no que tange à constituição de uma história (*Historie*) da filosofia. Afinal, ao perguntar pelas referências, problemas e perspectivas a partir das quais um autor da era helenística elabora uma história da filosofia, pergunta-se pela tradição filosófica a qual se filia seu empreendimento, pela concepção de filosofia que opera no devir da história (*Geschichte*) do pensamento na qual o autor reconhece-se como parte. O hegelianismo da filosofia universitária é alvo indireto da investigação do jovem filólogo.

No escrito póstumo *A filosofia na era trágica dos gregos* (1873), no qual apropria-se e desenvolve as notas do curso sobre *Os filósofos pré-platônicos* (1872), Nietzsche volta-se contra a exposição sistemática de Zeller em *Vorsokratische Philosophie* – a qual acompanha de perto as *Preleções sobre a história da filosofia*, de Hegel. Argumentando que os sistemas filosóficos não passam de erros e verdades definidos arbitrariamente, o jovem professor de filologia defende que a investigação sobre os filósofos deve reconstituir aquela “atmosfera pessoal” a partir da qual pode-se dar a ver “a imagem do filósofo”, “assim como é possível inferir o tipo de solo a partir da vegetação de um determinado local” (FT Primeiro prefácio). A passagem citada lança luz sobre a importância que o jovem Nietzsche atribui ao trabalho direto com as fontes para a história da filosofia: ao investigar a teia de relações e o intercâmbio de saberes do mundo antigo, não objetiva-se reconstituir o sistema de determinado filósofo como expressão da totalidade que toma a consciência, mas restabelece-se o pensador à ambiência de seu filosofar, às questões que acossam o seu tempo, dentro das quais sua filosofia mostra “a maneira de viver, bem como o modo de encarar as coisas humanas” (FT Primeiro prefácio).

2 A FIGURA DO FILÓSOFO NAS VIDAS DE LAÉRCIO

Nietzsche organiza seu estudo sobre Laércio em seis partes, identificando as fontes, mapeando as relações entre as mesmas e – o que interessa mais a esta pesquisa –, lançando os contornos da concepção de filosofia que encontra-se nas páginas das *Vidas*. O jovem estudante de Leipzig exige como condição de inteligibilidade do problema que se entenda “Laércio como escritor” (DLF V), sob o preço de, caso contrário, ler sua obra com expectativas e exigências modernas. Segundo Nietzsche, Laércio reproduz a divisão estoica da filosofia

(lógica, física e ética) – bastante popular na era helenística –, e transcreve as explicações, os ditos e feitos dos filósofos a partir de fontes advindas de diferentes escolas filosóficas. Em vão se tentaria filiar o doxógrafo a uma destas escolas, visto que, como afirma o filólogo, “Laércio preferiu transcrever com palavras alheias as coisas que viu bem explicadas em outros, em vez de expô-las de modo menos brilhante com as suas próprias” (DLF I). Ao leitor moderno, Laércio apareceria aos moldes de um copista que, quando muito, intervém com alguma glosa sobre o texto que deve transcrever.

No entanto, assumir a ideia de Laércio como escritor implica em caracterizar seu empreendimento não apenas pela leitura, seleção e transcrição de fontes diversas da filosofia grega, mas pela apropriação daquele que lê, ruma e recolhe pela escrita o que deve lhe servir ao pensamento. Como argumenta Hadot, parte significativa da atividade filosófica no período helenístico consistia nos exercícios de pensamento, isto é, a leitura de textos – seja no exame solitário ou no comentário em grupo dos ditos e feitos dos filósofos, poetas e mestres –, e na escrita – por meio de resumos, sentenças, explicações ou compilações (cf. 2014, p. 29-31). Com efeito, ao leitor moderno Nietzsche faz a seguinte observação: “Os antigos também consideravam as compilações de citações, reunidas por alguém como fruto de suas leituras e designadas com o nome do compilador, como escritos pessoais: isto se contrapõe completamente ao nosso costume” (DLF II). O filólogo alemão deixa entrever aqui uma compreensão distinta da concepção moderna de filosofia: a leitura dos textos implica em ver o mundo que esconde-se por trás das palavras, ler exige a prática de leitura imanente da própria vida; resultado do esforço de elaboração, a seleção das máximas e dos relatos recolhe as ideias e submete-as ao crivo da existência concreta, na qual incorporam-se as ações; exercício pessoalíssimo, a compilação toma parte, guarda, faz *motu proprio* o pensamento de outrem.

Nessa perspectiva, torna-se evidente que a fonte da qual Nietzsche recebe sua visão dos antigos, isto é, donde aprende a lição da filosofia antiga, é o texto das *Vidas* de Diógenes Laércio. Ao analisar o trabalho de compilação de Laércio, levando às últimas consequências sua atividade como escritor, Nietzsche faz ver a atmosfera pessoal que se respira nesses textos. Trata-se de compilar ditos e feitos memoráveis dos sábios e filósofos, selecionar aqueles relevantes segundo o critério do ensino pessoal que comportam, avaliando-os a partir da adesão ao seu modo de vida⁹. Do princípio que preside o esforço de Laércio, advém a orientação filosófica do jovem professor de filologia em sua investigação sobre os filósofos pré-platônicos e sua crítica ao retrato que deles faz Eduard Zeller:

Optou-se, no entanto, por aquelas doutrinas nas quais ressoa com mais intensidade o que há de pessoal num filósofo, ao passo que uma enumeração completa de todas as proposições possíveis que nos foram deixadas, tal como é de praxe nos manuais, só traz, em todo caso,

⁹ Como recorda Puente, “o modo doxográfico de apresentação não se baseia em uma discussão conceitual dos argumentos opostos, mas sim na mera apresentação de possibilidades paralelas de escolha de diferentes modos de vida. Não nos esqueçamos que, excetuando-se o prólogo, os demais livros das *Vidas e doutrinas* de Diógenes Laércio foram estruturados precisamente para expor as distintas doutrinas das escolas filosóficas como alternativas de modelos de vida para os seus leitores” (2013, p. 195).

uma coisa à baila, a saber, o completo emudecimento diante do que há de pessoal. [...] Apenas o que há de pessoal pode interessar-nos, haja vista ser isto o eternamente irrefutável (FT Segundo prefácio).

Nietzsche descobre nas *Vidas* de Diógenes Laércio a filosofia como modo de vida¹⁰, tal como a gestaram os antigos e a compreenderam Hadot e Foucault. A investigação rigorosa das fontes faz vir à tona a intenção filosófica presente no uso que Laércio faz de cada uma delas. Ao analisar algumas referências históricas do texto laerciano, Nietzsche cruza fragmentos antigos e identifica a presença das obras de Diocles de Magnésia, um historiador da filosofia do século I que tem proximidade com a escola de Epicuro – o que explica a extensão e profundidade do comentário acerca do filósofo do *képos* na compilação de Laércio. Ao observar o uso que este faz de Diocles de Magnésia, Favorino de Arles e outros escritores antigos, Nietzsche está interessado, simultaneamente, na resolução de um problema filológico – cujos resultados servem ao estabelecimento crítico do texto, à reavaliação dos *codices*, ao comentário, etc. – e na pergunta acerca do paradigma a partir do qual estabeleceu-se a história da filosofia.

Em absoluto surpreende o uso, com tão bom grado, de um livro no qual se trata dos pais dos filósofos, de seus mestres, de acontecimentos, de gêneros de vida, de brincadeiras, de opiniões, em suma, de tudo o que se considera necessário para conhecer perfeitamente a história dos filósofos (DLF I).

Para Nietzsche, o que está em evidência no uso que Diógenes Laércio faz de suas fontes é a concepção de filosofia dos antigos e a possibilidade de um discurso acerca desta mesma filosofia. A partir da análise de Nietzsche, o material recolhido por Laércio aponta para a filosofia como modo de vida ao menos em dois aspectos: os *paradeigmata* e as *apomnemonéumata* ou *chréian*. Os *paradeigmata* (paradigmas ou exemplos) dizem respeito ao conteúdo narrativo, atravessado por relatos e máximas morais sem um contexto de discussão preciso. Como afirma Nietzsche em *Schopenhauer educador* (1874), “importo-me tanto mais por um filósofo quanto mais ele está em condições de dar exemplo”. Entretanto, não trata-se de uma exposição de exemplos e modos de vida como numa pregação moral, pois, adverte o filólogo, “o exemplo deve ser dado através da vida visível, e não apenas por meio dos livros, portanto, como ensinavam os filósofos gregos, mais através dos gestos, da posição, vestimenta, alimentação, do que através da fala e da escrita” (SE 3). A existência concreta destes mestres apresenta-se como condição de conhecimento pleno da própria filosofia, isto é, da sua transmissão como tradição *modus vivendi*.

10 Como defendi em outro estudo, a partir da leitura do *corpus* nietzschiano em confronto com Hadot e Foucault: “A filosofia consiste numa maneira de viver, a qual distingue-se e caracteriza-se das demais, não por um conjunto técnico de categorias que lhe dariam a especificidade de sua ocupação ou pelo encadeamento lógico rigoroso dos conceitos que lhe constituiria a forma, mas, sobretudo, por uma atitude fundamental, uma disposição (*Stimmung*), um *esprit*, um *páthos*, um *trópos*, perante a vida e o mundo que dá a substância do pensar, agir e sentir do filósofo” (SILVA, 2025, p. 186-187).

As *apomnemonéumata* (feitos memoráveis) ou *chréian* (anedotas sentenciosas) referem-se à forma de compilação, marcada pela reunião dos relatos, catálogos de nomes, epítomes, sentenças morais e poéticas, o que aponta para a oralidade e, por sua vez, para a função do discurso na *paidéia* grega (cf. DLF IV). Ao selecionar o núcleo essencial da apresentação de uma filosofia busca-se dar lugar à imagem, à personalidade do filósofo: “a tarefa consiste em trazer à luz aquilo que devemos *sempre amar e ter em altíssima conta*, e aquilo que nenhum conhecimento posterior poderá nos roubar: o grande homem” (FT Primeiro prefácio). A simplificação que esse procedimento comporta tem em vista fazer ver a vida do filósofo e, pela comparação entre os modos de viver, fazer ouvir “a polifonia da natureza grega” (FT Primeiro prefácio). As sentenças, as ideias defendidas, o discurso não podem ser dissociados da relação mestre-discípulo, na qual a apresentação das ideias submete-se à tomada de posição (*hairesis*), à escolha de um modo de vida, de uma escola filosófica. Como argumenta Hadot, “em cada escola, os dogmas e os princípios metodológicos não estavam em discussão. Filosofar, nesta época, era escolher uma escola, converter-se a seu modo de vida e aceitar seus dogmas” (2014, p. 247). Convém esclarecer que, segundo a leitura de Hadot, a filosofia antiga não consistia na mera capitulação a uma escola; sendo a discussão das ideias, dos princípios de uma determinada escola, atividade importante, não constituía-se, contudo, um fim em si mesma, pois submetia-se ao processo de escolha do modo de viver.

O estabelecimento da genealogia dos filósofos – preocupação presente nos livros de homônimos de autores antigos amplamente citados por Laércio e analisados por Nietzsche –, objetiva mostrar as relações de filiação deste ou daquele filósofo a uma escola, a uma tradição de pensamento, a um mestre. Objetiva-se menos dar a ver um sistema que representar “uma forma de vida, especificada por um ideal de sabedoria”, como explica Hadot (2014, p. 245). As *Vidas* de Laércio apresentam uma história da filosofia que não deixa-se encapsular pelo projeto de uma historiografia total (*Historie*) centrada nas ideias, nos passos metodológicos do estabelecimento de um sistema, no inventário de opiniões e conceitos, mas busca a reconstituição da atmosfera na qual as mesmas anedotas, máximas e relatos da vida dos filósofos formam a unidade de um modo de vida (*trópos*) que pode ser ensinado a outros homens e mulheres inseridos na efetividade da história (*Geschichte*).

Quem por exemplo redime de novo a história dos filósofos gregos da névoa entorpecedora, que sobre ela alastraram os trabalhos eruditos, não tão científicos e, infelizmente, demasiado entediantes, de Ritter, Brandis e Zeller? Quanto a mim, prefiro ler Diógenes Laércio a Zeller, porque naquele pelo menos vive o espírito dos filósofos antigos; mas nestes não vivem nem o antigo nem nenhum outro espírito (SE 8).

CONCLUSÃO

Em seu trabalho de fontes, Nietzsche mostra um domínio rigoroso das técnicas empregadas pela filologia de seu tempo, especialmente na crítica textual e no tratamento dos

manuscritos, porém desde cedo busca tomar distância da erudição inócua em seu ofício. O jovem filólogo problematiza o resultado do empreendimento de uma história da filosofia que constitua-se como mero breviário de citações e análise de sistemas filosóficos: a erudição, o acúmulo de informações, está distante da filosofia, uma vez que não serve ao leitor e, em última medida, não serve à filosofia. Ainda que a erudição de Laércio seja um fato indiscutível, dado seu conhecimento e manejo de várias fontes analisadas por Nietzsche, o que sua compilação apresenta são os ditos e feitos memoráveis dos filósofos, a filiação a escolas e tradições, ou seja, a relação intrínseca entre filosofia e modo de vida, aquela coerência inextricável entre discurso e ética tão cara aos antigos. Contra a erudição, Nietzsche mobiliza um trecho do fragmento 40 de Heráclito (cf. DK 22 B 40), cuja fonte é o próprio Diógenes Laércio em IX, 1: “*polimathín nóon ou didáskei* [uma grande erudição não ensina ao espírito]”¹¹ (DLF II). Uma história da filosofia cuja âncora está no céu dos sistemas filosóficos nada ensina aos homens e às mulheres sobre os quais pesa o aqui e agora como tarefa, diante dos quais a história apresenta-se sob a marcha da repetição e a filosofia como modo de transfiguração da vida.

REFERÊNCIAS

- BARNES, Jonathan. Nietzsche and Diogenes Laertius. In. *Nietzsche-Studien*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, Band 15, 1986, p. 16-40.
- CAMPIONI, Giuliano; D'IORIO, Paolo; FORNARI, Maria Cristina; FRONTEROTTA, Francesco; ORSUCCI, Andrea. (Ed.). *Nietzsches persönliche Bibliothek* (NPB). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002.
- FAUSTINO, Marta; TESTA, Federico (Orgs.). *Filosofia como modo de vida: ensaios escolhidos*. Coimbra: Edições 70, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves de Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flavio Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.
- DIÓGENES LAÉRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. Edited by Tiziano Dorandi. New York: Cambridge University Press, 2013.
- DORANDI, Tiziano. *Diogene Laerzio e la storia della filosofia*. Milano: Pelago, 2025.
- LEÃO, Delfim. O livro I de Diógenes Laércio: a tradição dos Sete Sábios e a caracterização da figura do *sophos*. In. LEÃO, Delfim; CORNELLI, Gabriele; PEIXOTO, Miriam Campolina. (Org.). *Dos homens e*

11 Nietzsche cita Heráclito em grego, sem apresentar tradução ou transliteração, por isso vertemos o fragmento de maneira a servir à argumentação do autor. A tradução espanhola do texto de Nietzsche segue assim: “una gran erudición no enseña a la mente”. Mário da Gama Kury, tradutor brasileiro das *Vidas* de Laércio, opta por: “A erudição não ensina a ser inteligente, pois, se ocorresse o contrário, teria ensinado a Hesíodos e a Pitágoras, e também a Xenófanes e Hecataios”. José Cavalcante de Souza, para o volume da Col. Os Pensadores sobre os pré-socráticos, traduz o fragmento do seguinte modo: “Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu”.

suas ideias: estudos sobre as *Vidas* de Diógenes Laércio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 1-19.

LEÃO, Delfim; CORNELLI, Gabriele; PEIXOTO, Miriam Campolina. (Org.). *Dos homens e suas ideias*: estudos sobre as *Vidas* de Diógenes Laércio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

MACHADO, Roberto (Org.). *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*: textos de Rohde, Wagner, Wilamowitz-Möllendorff. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

NIETZSCHE, F. *Obras completas. Escritos filológicos*. vol. II. Edición de la Sociedad Española de Estudios sobre Nietzsche (SEDEN). Trad. Manuel Barrios, Alejandro Martín, Diego Sánchez Meca, Luis de Santiago Guervós y Juan Luis Vermal. Madrid: Tecnos, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Trad. Fernando Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. De Laertii Diogenis fontibus, I-II. *Rheinisches Museum für Philologie*, XXIII, 1868.

NIETZSCHE, Friedrich. De Laertii Diogenis fontibus, III-VI. *Rheinisches Museum für Philologie*, XXIV, 1869.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia* ou helenismo e pessimismo. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter, DTV, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como educador*: considerações extemporâneas III. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

PUENTE, Fernando. Pode-se pensar a filosofia aristotélica como modo de vida? Diógenes Laércio e sua posteridade na obra de Pierre Hadot. In. LEÃO, Delfim; CORNELLI, Gabriele; PEIXOTO, Miriam Campolina. (Org.). *Dos homens e suas ideias*: estudos sobre as *Vidas* de Diógenes Laércio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 177-197.

SILVA, Leonardo. *Redução da moral à estética*: arte e gaia ciência na filosofia do espírito livre, de Friedrich Nietzsche. 2020. 136 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

SILVA, Leonardo. Considerações sobre a figura do andarilho (*Wanderer*) na segunda fase do pensamento de Nietzsche. *Annales FAJE*, Belo Horizonte-MG, v. 10, n. 1, 2025, p. 185-195.

SOUZA, José Cavalcante de (org.). *Os Pré-Socráticos*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

URE, Michael. *Nietzsche's therapy*: self-cultivation in the middle works. Lanham: Lexington Books, 2008.

URE, Michael. A reanimação de Nietzsche da filosofia como modo de vida. In. FAUSTINO, Marta; TESTA, Federico (Orgs.). *Filosofia como modo de vida*: ensaios escolhidos. Coimbra: Edições 70, 2022, p. 371-416.

VÁRZEAS, Marta. Sábios e poetas na construção da identidade helénica. In. LEÃO, Delfim; CORNELLI, Gabriele; PEIXOTO, Miriam Campolina. (Org.). *Dos homens e suas ideias*: estudos sobre as *Vidas* de Diógenes Laércio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 21-38.

Artigo Submetido em 14/09/2025 e aprovado em 29/09/2025

Breves informações sobre o autor: Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7761-8608>

E-mail: lc.silva@hotmail.com

Endereço: Rua David Ben Gurion, 369, Jardim Monte Kemel, São Paulo/SP, CEP 05634-001

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Paulo Rogério da Rosa Corrêa, Giovani do Carmo Júnior